

dmad

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

da mihi animas
2012

n. 7/8 - Julho/Agosto

Tradução do original Italiano
para a Língua Portuguesa



A FRONTEIRA

DA

EVANGELIZAÇÃO



dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma

tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi
Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana • Julia Arciniegas
Patrizia Bertagnini • Mara Borsi
Piera Cavaglià • Maria Antonia Chinello
Emilia Di Massimo • Dora Eylenstein
Maria Pia Giudici • Palma Lionetti
Anna Mariani • Adriana Nepi
• Maria Perentaler
Loli Ruiz Perez • Paola Pignatelli
Debbie Ponsaran • Maria Rossi
Bernadette Sangma • Martha Séide

Tradutoras

francês • Anne Marie Baud
japonês • inspetoria japonesa
inglês • Louise Passero
polonês • Janina Stankiewicz
português • Maria Aparecida Nunes
espanhol • Amparo Contreras Alvarez
alemão • inspetorias austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice – Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma – c.c.p. 47272000
Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96
Filial de Roma

n. 7/8 julho-agosto de 2012

Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide 11 00181 Roma
USPI – Unione Stampa Periodica Italiana

Edição em Português

SUMÁRIO

EDITORIAL	<i>Viver em função do Evangelho</i> <i>Giuseppina Teruggi</i>	04
-----------	--	----

DOSSIÊ	<i>A fronteira da evangelização</i>	05
--------	-------------------------------------	----

Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos

ENCONTROS	<i>Valdocco e Mornese: Um único ardor missionário</i>	09
-----------	---	----

COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	<i>Fundação Madre Selva</i>	11
------------------------------	-----------------------------	----

CONSTRUIR A PAZ	<i>Pelos caminhos da nãoviolência</i>	12
-----------------	---------------------------------------	----

FIO DE ARIADNE	<i>Os medos</i>	14
----------------	-----------------	----

Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos

CULTURAS	<i>Acredito na presença educativa porque...</i>	19
----------	---	----

PASTORALMENTE	<i>Oratório em projeto</i>	20
---------------	----------------------------	----

MULHERES NO CONTEXTO	<i>A Mulher e a evangelização</i>	22
----------------------	-----------------------------------	----

MOSAICO	<i>Família. Recurso para a crise</i>	23
---------	--------------------------------------	----

Comunicar: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia

COMUNICAÇÃO E VERDADE	<i>Profundidade das relações</i>	24
-----------------------	----------------------------------	----

A MIM AS CONFIAS	<i>Os jovens indicaram-me o caminho</i>	26
------------------	---	----

VÍDEO	<i>A inacreditável história de Winter, o golfinho</i>	27
-------	---	----

ESTANTE	<i>Vídeos e livros</i>	29
---------	------------------------	----

LIVRO	<i>A linguagem secreta das flores</i>	31
-------	---------------------------------------	----

COMEMORAÇÃO	140 ANOS DE HISTÓRIA	32
-------------	-----------------------------	-----------

EDITORIAL

Viver para o Evangelho...

Giuseppina Teruggi

... porque é a raiz que alimenta o nosso crescimento e porque tudo na vida cristã tem como objetivo o Evangelho. Viver *para* o Evangelho tem valor causal e final. É paixão que faz arder o coração e dinamiza a ação. É luz que acende o olhar dirigido ao futuro. Estamos próximas à celebração da 13ª Assembleia geral do Sínodo dos Bispos (Roma, 7-28 de outubro). Uma oportunidade para intensificar a oração e aprofundar o tema proposto: "A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã".

Bento XVI quis entrelaçar o evento do Sínodo com o início do *Ano da Fé*. No encontro com os Bispos da CEI em maio, justificou esta coincidência. "A missão antiga e nova que temos à frente é introduzir os homens e as mulheres do nosso tempo no relacionamento com Deus, ajudá-los a abrir a mente e o coração ao Deus que os procura e quer se fazer próximo, guiá-los na compreensão de que fazer a sua vontade não é um limite para a liberdade, mas sim, ser realmente livres [...]. Deus é o fiador, não o concorrente, da nossa felicidade, e onde penetra o Evangelho e, portanto a amizade com Cristo, o homem experimenta ser objeto de um amor que purifica, aquece e renova, e que capacita a amar e a servir".

O Papa explicou que o *Ano da Fé* favorecerá um conhecimento "mais profundo das verdades que são a essência da nossa vida" para conduzir o homem de hoje "ao encontro com Jesus Cristo".

A Nova Evangelização é, na realidade, o Encontro renovado com Jesus vivo!

A Madre, na circular n. 922, orientou-nos a não passar com indiferença por um momento de Igreja tão vital, e nos convidou a "refletir sobre este evento... como um apelo urgente a manter vivo o caminho da santidade e a encorajar-nos na busca de caminhos novos de irradiação do Evangelho".

Neste número da Revista falamos com paixão e alegria de Evangelização: compartilhamos com simplicidade experiências de vida de fé, enquanto nos sentimos ativamente envolvidas no caminho eclesial, como estariam Dom Bosco e Madre Mazzarello, para os quais "evangelizar não foi doutrinar, mas testemunhar, mediante a palavra e a ação, um amor concreto a Deus e aos jovens".

No dia 1º de junho faleceu *Ir. Maria Rampini*, por vários anos redatora da nossa revista DMA. Nós a lembramos com gratidão: uma mulher que viveu para o Evangelho!

gteruggi@cgfma.org

A fronteira da evangelização

Mara Borsi, Bernadette Sangma

Um dos comportamentos que caracterizam o nosso tempo é equiparar-se com o fenômeno do distanciamento da fé de sociedades e culturas que há séculos pareciam impregnadas de Evangelho.

A instituição de um dicastério para a *nova evangelização* pelo Papa Bento XVI suscitou não poucos questionamentos: por que a fé cristã tem necessidade de uma nova evangelização, isto é, de um novo anúncio? O que está mudando no mundo para que se justifique tal empreendimento?

O “pátio dos gentios”

A nova evangelização interpela toda a Igreja e, conseqüentemente, sentimo-nos chamadas em primeira pessoa a colocar-nos neste importante processo com a mesma paixão de Dom Bosco e de Maria Mazzarello. Evangelizar, na experiência deles, não era doutrinar, mas testemunhar, no Espírito, mediante a palavra e a ação, um amor concreto a Deus e aos jovens.

Numa recente entrevista concedida à CONFER (Confederação espanhola dos religiosos) o Reitor-Mor, Dom Pasqual Chavez Villanueva, afirmou que o motivo da nova evangelização está no fato de que a Igreja encontra-se diante de homens e mulheres culturalmente novos, mais sensíveis a certos valores, mais refratários a outros. Trata-se de abrir um diálogo com quem não cessa de interrogar-se sobre Deus e não deixa de estabelecer relações também com quem é indiferente perante tais questões. Frequentar o *pátio dos gentios* para a comunidade eclesial significa reservar espaços de encontro com aquelas pessoas que conhecem Deus somente de longe e vivem insatisfeitos com os seus deuses, com os seus ritos e mitos. Mas somos capazes de enfrentar esta nova tarefa?

A vida religiosa, apesar das dificuldades experimentadas, é capaz de responder positivamente à missão evangelizadora. Ela teve sua origem no Evangelho e esta condição única sempre a tornou evangelizadora.

Somos chamadas a demonstrar que somos especialistas em comunicação, apesar da experiência dos conflitos e das fragilidades relacionais, a estar presentes nas fronteiras sociais, culturais, religiosas, capazes de inserir-nos lá onde se encontra a humanidade empobrecida, marginalizada, excluída, não obstante o envelhecimento e a escassez de vocações em diversas zonas geográficas do Instituto.

Na Europa e em alguns contextos da América, a fé está encontrando resistências diversificadas, mas nas igrejas jovens a ação do Espírito nos dá uma injeção de esperança e de alegria pascal, como no caso da Coreia.

“Evangelização vinte vinte”

É o programa da Igreja coreana que visa atingir os vinte por cento de adesões à igreja católica, em 2020. Não apenas *boom* econômico: este ano, na Coreia do Sul, dezenas de milhares de catecúmenos entram na Igreja Católica. Neste último meio século, talvez não haja no mundo país que tenha registrado um crescimento tão vigoroso de conversões.

A Igreja católica na Coreia do Sul é a que mais cresce na Ásia.

Na Coreia há plena liberdade religiosa e os coreanos manifestam uma forte tendência ao cristianismo porque introduz a ideia da igualdade de todos os seres humanos criados pelo mesmo Deus e, também porque, tanto os católicos como os protestantes participaram do movimento popular contra a ditadura (1961 – 1967) enquanto o confucionismo e o budismo promoviam a obediência à autoridade.

Além disso, o cristianismo é a religião de um Deus pessoal feito homem para nos salvar, enquanto o xamanismo, o budismo e o confucionismo não são religiões, mas sistemas de sabedoria humana e de vida.

Perguntamos às Irmãs Pak Mi Suk Regina, Ryu Jae Ok Rosa e Yoo Kynghee Anna, FMA coreanas, que frequentam em Roma o Curso de Espiritualidade do Instituto, qual é o segredo desta evangelização que continua a gerar conversões.

Ir. Anna: Os números e as estatísticas nos encorajam, todavia há também limites: muitos pedem para ser batizados, tornam-se cristãos, mas pouco a pouco a prática sofre uma baixa.

O que atrai é o testemunho, por exemplo, depois da morte do cardeal Stefano Kim Suhwan, houve muitas conversões. Ele era estimado por todos os coreanos pelo seu testemunho de amor à paz e, principalmente, aos pobres.

Ir. Rosa: A defesa dos pobres e da justiça, a proximidade do povo com a prática da caridade, a capacidade de evidenciar a proposta de uma espiritualidade concreta, ativa, são os motivos que convencem os coreanos a olharem com confiança crescente para a igreja católica. A evangelização está muito ligada à palavra falada.

Ir. Regina: É importante sublinhar, também, a capacidade da Igreja católica de propor uma evangelização inculturada, por exemplo, na Coreia o rito fúnebre tem muita importância. Na tradição seguida pela maioria dos coreanos, há três dias de oração; nestes momentos as famílias agradecem a aproximação dos católicos, testemunhas de uma sincera solidariedade.

Desta aproximação nos momentos de dor, passa-se ao diálogo e à possibilidade de apresentar Jesus e o catolicismo. Em cada paróquia coreana há um grupo que se ocupa, em particular, do rito fúnebre. Formado principalmente por homens, o grupo tem a tarefa de ficar principalmente atento às pessoas mais pobres e com menor possibilidade de receber uma sepultura segundo a tradição.

Testemunho, caridade concreta, inculturação, espiritualidade, nestas palavras podemos incluir a proposta de evangelização que surpreendentemente continua a atrair os coreanos que, não se deve esquecer, são um povo naturalmente aberto à religiosidade.

Testemunhos que evangelizam

Radicalidade evangélica, alegria, simplicidade de vida, comunhão visível na comunidade, generosa doação aos outros: são estes os ingredientes de uma comunicação eficaz do Evangelho. Os testemunhos que coletamos estão nesta linha e chegam ao coração. Apresentam palavras, fatos e gestos que remetem ao Evangelho de modo eloquente e, por conseguinte, evangelizam.

A alegria da evangelização

Desde os primeiros anos da chegada das FMA ao Nordeste da Índia lá estão as *Touring Sisters*, ou seja, as Irmãs evangelizadoras itinerantes. Elas desenvolvem sua tarefa em sintonia com a paróquia; o programa das visitas, de fato, é preparado junto com o pároco. Trata-se de visitar e de permanecer nas diversas aldeias por duas ou mais semanas, hospedadas pelas famílias. A principal tarefa a ser realizada é proclamar o Evangelho de Cristo. Ir. Provina Lyngkhoi trabalha como *Touring Sister* desde 1985, passou de uma paróquia para a outra no Nordeste da Índia e conhece muito bem a região e a sua população.

Nas suas experiências de evangelização itinerante percorreu muitas estradas levando a mensagem de Jesus, através das florestas e rios, ao povo das zonas rurais, verdadeiras ilhas de abandono e de privações de todo tipo. Porém, encontrou gente de coração aberto ao Evangelho.

Fala espontaneamente de alguns encontros não desejados com os elefantes na floresta, dos rios que se enchem durante a estação da chuva dificultando e tornando perigosa a travessia, das sanguessugas, das 5, 8, 9 horas de caminho a pé para alcançar as aldeias porque não há estradas para os automóveis; fala do estômago vazio que dá pontadas reclamando comida. Relata ao mesmo tempo como, nas relações humanas, um gesto de afeto, de atenção, de cuidado com a saúde através de medicações simples, podem abrir o caminho ao Evangelho.

Conclui dizendo que a alegria, antes, o privilégio de anunciar Jesus é absolutamente incomparável e bem maior do que os sofrimentos e as dificuldades que se encontram nas estradas ao se deslocar de um lugar para o outro.

O preço é alto

Linda Dominique, noviça FMA, é do Sudão do Sul, mas foi criada em Khartoum. Narra sua experiência de fidelidade como discípula de Jesus em um ambiente onde a cruz levada ao peito pode atrair críticas e se tornar uma barreira que impede as amizades. «Durante o ano escolar, eu e minhas companheiras católicas e cristãs, devíamos colocar *o hijab*, aprender o *Qunran* e ir às mesquitas para rezar. Eu ia, mas espiritualmente mantinha intacta a minha fé cristã. Não tínhamos escolha. Éramos discriminadas por duas razões: por sermos cristãs e negras.

A fé cristã que recebi na minha família deu-me tanta força que cheguei ao ponto de querer oferecer a minha vida por Jesus. É maravilhoso seguir Jesus mesmo quando o preço é alto!».

Anúncio experiencial

«Testei, em primeira pessoa, a eficácia de um anúncio experiencial. Estava encarregada de um grupo de jovens apaixonados pelo futebol e indiferentes à Igreja. Todos haviam frequentado o Catecismo, haviam feito a primeira Comunhão e a Crisma e depois... Atrofiou-se a vida de fé.

Em 2004, ao deparar com a Estreia do Reitor-Mor: *Propomos a todos os jovens, com convicção, a alegria e o empenho da santidade como 'medida alta de vida cristã cotidiana'* – senti-me fortemente interpelada, o eco do apelo à santidade dirigiu-se a mim.

Decidi fazer um caminho mais intenso, viver com maior atenção a vida sacramental, tratar os jovens com simplicidade, pronta a ser a primeira a pedir desculpas, a perdoar...

De acordo com a comunidade, decidi estender o tempo do oratório até as 18h00, para poder propor um caminho concreto de fé. Pouco a pouco vi os jovens *aprendendo a amar o que eu amo, porque procurei amar aquilo que eles amam: o futebol*. Em clima de amizade, o grupo começou a viver a vida de oração, a frequentar os sacramentos, a adoração eucarística e a olhar para Maria de Nazaré como mãe e companheira de caminho, na vida cotidiana. O fervor gerado foi tal que eles mesmos faziam as programações com propostas de fé e, assim, o grupo foi se tornando um celeiro de vocações religiosas e sacerdotais.

Ainda hoje os ex-alunos se lembram desta experiência de fé. Refletindo, compreendi que pude introduzir os jovens neste caminho de crescimento da fé, não tanto com as minhas palavras, mas com a minha vida, com o meu relacionamento de amor com Jesus e com eles, marcado pelo afeto, pela compreensão, pelo perdão». (Ir. Plácida Nthia).

Permanecer abertas ao Evangelho

Ao animarmos as comunidades educativas, sem perceber corremos o risco de esquecer que nós somos as primeiras destinatárias do anúncio do Evangelho. Estando muito preocupadas com o modo de transmitir a fé em Jesus, corremos o risco de focar a atenção apenas sobre quem é chamado a acolhê-la. Comportamo-nos como quem, tendo-se apropriado adequadamente do Evangelho, não quer senão transmiti-lo aos outros. É um pouco como se não tivéssemos mais nada a escutar e a receber do Evangelho e, tornadas «mestras» na arte de interpretá-lo e de vivê-lo, nos restasse simplesmente a tarefa de transmiti-lo aos outros.

Aí está a importância de nos adequar ao processo eclesial da nova evangelização, permanecendo incansavelmente destinatários do Evangelho.

Em outros termos, a primeira questão não é saber «como anunciar o Evangelho», mas antes de tudo «o que o Evangelho diz para mim hoje», «em que o Evangelho é uma boa notícia para mim».

Deixar-se evangelizar

«Toda manhã, ao terminar a meditação, faço os meus propósitos para viver as implicações da Palavra do dia e, no final da jornada, descubro ter realizado pouco. Esta experiência me confere uma clara percepção dos limites e das fragilidades, e me ajuda a tomar consciência de que estou fazendo um caminho. Nos caminhos do espírito não existe o "imediato". Às vezes sinto-me como uma pessoa que recolhe água em um recipiente com buracos. No final do dia, talvez, a água não ficou dentro do recipiente, entretanto, lavou e limpou a jarra do meu coração e, ainda mais, no caminho por onde a minha jarra gotejou, desponta e brota a vida. E então digo a Jesus: "Mesmo se não vivo plenamente a tua Palavra, ela permanece no profundo do meu coração, de onde eu extraio a vida e a coragem para ir em frente"». (Ir. Plácida Nthia).

O testemunho da fé é o sinal de pessoas evangelizadas que evangelizam. A fonte deste empenho está no encontro vital com Jesus, acontecimento cotidiano que se renova na escuta da Palavra, na participação ao mistério pascal por meio da liturgia e dos sacramentos, da comunhão e do serviço aos jovens.

A comunidade que ama

A eficácia da evangelização não depende unicamente dos projetos ou dos processos da educação para a fé, mas do sujeito capaz de suscitar uma busca personalizada, um encontro profundo e um diálogo fecundo.

Este sujeito não é outro senão a comunidade educativa. Toda a ação pastoral é chamada a enraizar-se, antes de tudo, na vida da comunidade, em seu caráter sacramental e no projeto do qual é portadora. Sua responsabilidade concretiza-se no ser sinal, no testemunhar com a vida a proposta do Reino. Trata-se de promover comunidades onde se dá grande importância à comunicação e ao desejo de estabelecer relacionamentos pessoais autênticos, onde as feridas são curadas e se aprende a perdoar.

Adeline Benimana é noviça FMA, procedente de Ruanda. Sua família é numerosa: são 10 irmãos e irmãs, dos quais dois já morreram. Ela tinha apenas 8 anos, em 1994, quando vivenciou o pesadelo do genocídio. A Palavra guia que a sustenta é, do Evangelho de Mateus, o ensinamento de Jesus sobre o perdão: "Não digo até sete, mas até setenta vezes sete" (Mt 18, 22).

Relata com serenidade e liberdade interior a odisseia de sua família. Em 1994 foram obrigados a fugir de casa e, depois de dois dias de caminho através das florestas, chegaram às fronteiras da República Democrática do Congo. Lá os soldados tomaram posse de tudo o que tinham deixando-os apenas com a roupa do corpo. Viveram por algum tempo no campo dos refugiados onde não havia comida suficiente. A mãe havia dado um Terço para cada membro da família, pedindo que o rezassem invocando a proteção de Maria. Em 1996, em maio, o campo foi bombardeado. Morreram um irmão e uma irmã e o restante da família se dispersou.

Adeline fugiu e se encontrou absolutamente sozinha numa floresta perto de um rio. Percebendo a aproximação dos soldados escondeu-se durante uma hora nas águas.

Passado o perigo continuou a caminhar e, algumas horas depois, encontrou um homem e uma mulher. Juntou-se a eles, que iam para Ruanda. Durante o terceiro dia de caminho encontrou uma de suas irmãs. Elas duas foram as primeiras a reencontrarem a própria casa.

A comunidade católica, ao retorno delas, rapidamente se organizou para colocar a casa em ordem: com aquilo que havia sobrado. Em seguida, foram encontradas, primeiro por dois irmãos e uma irmã e, finalmente, depois de dois meses, pelos pais.

Adeline relata: «As minhas amigas, os companheiros de escola e outros amigos... todos haviam morrido. A oração, que havia aprendido em família, me sustentou.

Por esta experiência, aprendi que o perdão é possível só em Deus e com o apoio de uma comunidade capaz de auxiliar no momento da necessidade. Somente quem tem fé na misericórdia de Deus pode perdoar sem reservas. O perdão cura e cicatriza as feridas, renova o coração com abundância de paz, fazendo renascer a alegria e a esperança».

Pertencer a uma comunidade, permite-nos compreender e julgar nossa existência, receber apoio nos momentos de dificuldade e contrastar a ilusão de que o nosso estilo de vida depende só de nós, sem precisar de confrontos e responsabilidades sociais.

Apenas num caminho que assegure acolhida e acompanhamento, podemos oferecer aos jovens a verdade que conduz à caridade, a razão que conduz ao amor, um amor recebido, para ser depois, compartilhado.

Quem evangeliza não tem o poder de comunicar a fé, mas pode pelo menos, vigiar para que se verifiquem as condições que a tornam possível; pode facilita-lhe o acesso. O seu papel é alcançar as pessoas onde estão, com suas resistências próprias, a fim de descobrir, junto com elas, a graça do amor de Deus gratuitamente doado a todos.

A nova evangelização à qual a Igreja nos convida implica o renascimento espiritual da vida de fé da comunidade, dando passos no sentido de discernir as mudanças que interessam a vida cristã

nos vários contextos, fazendo a releitura da memória de fé, assumindo novas responsabilidades e novas energias em vista de uma proclamação alegre e contagiante do Evangelho de Jesus.

O anúncio que sacode

«Não está aqui. Ele vos precede na Galileia, lá O vereis». Este anúncio nos pede para nos *deslocar* ou melhor, para *recolocar-nos constantemente como comunidades evangelizadoras*. Convida-nos a uma mudança radical de perspectiva. Cristo não está conosco como um objeto, retido, possuído, controlado que deveríamos transmitir aos que não o têm. Não é um objeto que se possui «aqui» para comunicá-lo alhures. Temos de sair para chegar ao lugar do outro – a Galileia do povo – onde Ele nos precede.

Toda comunidade educativa deveria perguntar-se: qual é o lugar do outro, onde Jesus nos espera como comunidade que ama os jovens?

Quem vive o que diz e se doa de modo autêntico e contínuo, demonstra que tem algo a dizer. Estas pessoas, por meio de sua transparência e autenticidade, logo entram em sintonia com aquilo que os jovens procuram hoje: adultos significativos que apresentem valores vivos, de modo simples, verdadeiro, direto.

mara@cgfma.org; sangmabs@gmail.com



A situação contemporânea nos obriga a verificar se verdadeiramente somos capazes de sustentar na fé que a pessoa humana permanece “capaz de Deus”.

Nós não criamos a “capacidade de Deus”: ela está presente hoje como estava no passado, no profundo dos seres humanos e no cruzamento dos seus encontros.

Esta fé nos jovens “capazes de Deus”, tão viva e eficaz nos nossos Fundadores anima-nos, de fato, a propor um anúncio evangélico, claro, sem medo, nem timidez?

ENCONTROS

Valdocco e Mornese: um único ardor missionário

Carla Castellino



Valdocco e Mornese são dois mundos diferentes em contínua interação, quase uma osmose de valores, desejos e ideais, mas também, com propriedades específicas: as tonalidades diferentes de um mesmo carisma.

Em Mornese a presença de Dom Bosco tornou-se viva pelos seus filhos. Com a morte de Dom Pestarino, o Instituto das FMA é confiado aos cuidados de Dom Giovanni Cagliari e, como capelães, são enviados os melhores salesianos, porquanto, é preocupação grande do Fundador

que as FMA sejam formadas segundo o seu espírito, aberto a grandes horizontes, com um único ideal: servir a Deus e ao seu Reino. Mas, o que há de particular em Mornese para ser definida pelo Pe. Costamagna como “pequeno paraíso”, “casa do amor de Deus”, “casa santa”? e que deixou no seu coração uma profunda saudade?

Chamadas a singrar o oceano

Em 8 de setembro de 1877 Dom Bosco comunica às nossas Irmãs de Mornese a decisão de enviá-las para a longínqua América, ao Uruguai. Alegria e preocupação são os sentimentos que acompanham esta esperada notícia. Todas queriam ser missionárias, mas a palavra do Fundador é clara: «Aqueles que desejam consagrar-se às missões estrangeiras para cooperar com os Salesianos na salvação das almas, façam o seu pedido por escrito: depois se fará a escolha».

A esperança e o *da mihi animas* sustentam e dão sentido aos esforços e sofrimentos. Intensifica-se o estudo das línguas estrangeiras: espanhol e francês; oferecem-se a dor da separação do diretor Dom Costamagna, também chamado às Missões da América, e as incompreensões e críticas do vilarejo a respeito do ensino de um salesiano e de uma FMA na escola municipal. Tudo é vivido no silêncio e substanciado na oração com a certeza de que a Madre comunica sabiamente a cada Irmã: «Nossa Senhora e Dom Bosco tudo sabem; confiamos neles e ficamos em paz» (Giselda CAPETTI, *Cronistoria II*, Roma, Instituto FMA 1976, 277).

Chegadas e partidas

Vários eventos se sucedem em pouco tempo: no final do mês comunicam-se os nomes das neomissionárias; no final de outubro chega o novo diretor, Dom Giovanni Battista Lemoyne, e parte Dom Costamagna. No início de novembro, como apenas duas das que vão para as missões poderão ir a Roma encontrar o Santo Padre, porque assim impõem as condições econômicas, o diretor organiza uma função de envio semelhante à de Turim para os salesianos. Na noite de 6 de novembro, a Madre com Ir. Ângela Vallese e Ir. Giovanna Borgna viajam para Sampierdarena e de lá prosseguem até Roma, juntamente com os Salesianos acompanhados Por Dom Giovanni Cagliari. O dia 9 de novembro assinala o encontro com o Santo Padre que se maravilha ao ver um grupo tão numeroso de missionários: «Onde Dom Bosco acha toda esta gente?» e, em seguida, profere as palavras diretamente dirigidas às nossas Irmãs, verdadeiro programa de vida. “Serem como as grandes conchas das fontes, que recebem a água e a derramam em proveito de todos: conchas de virtude e de saber, em benefício dos seus semelhantes” (*Ivi 284*).

A permanência em Roma, além do encontro com o Papa, é marcada pela caridade criativa e espontânea da Madre que, na noite da chegada, desafia a escuridão e as novidades da cidade eterna e vai comprar frutas, pão e queijo para os salesianos e as Irmãs.

Nas catacumbas de São Calisto a Madre cede o seu xale ao clérigo salesiano Carlo Pane, afetado pela malária. “Não se importa consigo mesma, diz a Cronistória, todos os cuidados e as atenções são para os outros”. As visitas às Basílicas e aos monumentos da Roma cristã, a fazem exclamar: «Como há de ser lindo o Paraíso!» (*Ivi 286*).

No retorno de Roma, ainda uma parada em Sampierdarena, lugar de chegada das demais missionárias de Mornese e o encontro com Dom Bosco que se põe à disposição dos que partem: celebração eucarística, confissões e recomendações paternas.

No navio, com a Auxiliadora de Mornese e de Valdocco

Dom Costamagna que havia trazido consigo o quadro da Auxiliadora do colégio de Mornese, entrega-o a Ir. Teresinha Mazzarello com a recomendação de não cedê-lo a ninguém, de guardá-lo até a chegada em terras americanas, porque pretende tê-lo como lembrança de Mornese.

Pouco depois, aparece Dom Cagliari com um quadro de Nossa Senhora Auxiliadora. «Eu o roubei da sacristia de Valdocco – diz brincando – roubei-o para vocês. Foi feito por um pintor que tinha uma doença nos olhos e estava para ficar cego. Recorreu a Dom Bosco, que o abençoou. O doente, então, ficou perfeitamente curado e o presenteou com esta linda Nossa Senhora que tem nos braços o simpático Menino sorridente». Uma nova bênção do Fundador e a entrega: «Levai-o e que Nossa Senhora vos abençoe e vos acompanhe na longa viagem» (*Ivi 288*).

No navio, antes da partida, vive-se o espírito de família: a Madre visita cabine por cabine, entretém-se com cada uma, leva-as a Dom Bosco que lhes fala, sorri, conforta e se comove.

Quando a embarcação parte ouve-se o coro das missionárias: *Eu quero amar Maria*, canção composta por Dom Costamagna em Mornese, com um estribilho tantas vezes repetido que havia provocado a reação arguta da Madre: «Digam ao senhor diretor que não é somente ele que quer amar Nossa Senhora, mas também nós queremos amá-la. E isso é bom!...» (Ivi 297).

Cada encontro com Dom Bosco é um novo ruflar de asas, é um convite a pensar nas coisas verdadeiras, as que não passam, e pelas quais vale a pena gastar na alegria toda a vida; é alcançar novas certezas para olhar o futuro com serenidade, fé e esperança.

ccastellino@cgfma.org

COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Fundação Madre Selva

A Redação



A Fundação Madre Selva é uma ONGD (Organização não Governamental para o Desenvolvimento) sem fins lucrativos, criada em 1984 no Centro de Ensino superior Dom Bosco, das Filhas de Maria Auxiliadora. Seu campo de ação é nacional e internacional e conta com 1.835 colaboradores (incluindo voluntários, entidades públicas e doadores privados).

«*Acreditamos que um mundo mais justo é possível*», é o seu lema que se torna convicção. Sua finalidade é a cooperação internacional ao desenvolvimento sustentável, social e econômico para contribuir, em todos os Países, com o progresso e a promoção humana e se dedica especialmente às crianças, aos jovens e às mulheres.

O trabalho de Madre Selva concentra-se basicamente em quatro âmbitos de atuação:

Projetos de cooperação ao desenvolvimento.

Desde quando começou a atuar, Madre Selva ONGD apoiou 252 projetos de cooperação ao desenvolvimento realizados em diversos Países da América Latina, África e Leste da Europa, superando os 115.000 beneficiários. Os projetos são direcionados às faixas de população mais pobre e em dificuldade.

Promoção e formação do voluntariado.

Os voluntários de Madreselva ONGD participam dos campos de trabalho nacionais e internacionais, sustentando quem se encontra em situação de pobreza, exclusão e marginalização. Todos recebem uma formação antes de fazerem sua experiência de voluntariado.

Sensibilização e educação ao desenvolvimento.

Dentro da área de sensibilização e educação ao desenvolvimento a Fundação procura levar a termo atividades que promovam uma mudança nas atitudes e costumes da sociedade, sustentando os valores da justiça e da solidariedade.

Apoio à infância.

Madreselva ONGD, desde 1986, dirige programas de apoio à infância em mais de 20 países do Sul. Atualmente 2.123 crianças recebem uma educação e, juntamente, uma alimentação adequada e a oportunidade de assistência médica. Madreselva se posiciona como uma ponte entre as obras sociais e educativas das Filhas de Maria Auxiliadora e os jovens, as famílias e as Instituições que desejam contribuir, com o seu tempo e o seu dinheiro, para ajudar mulheres, crianças e jovens em situação de risco nos Países em via de desenvolvimento; organiza projetos e atividades que contribuem para um mundo mais justo melhorando o acesso à educação e difundindo a solidariedade e o voluntariado.

QUATRO MESES EM HONDURAS, COMO VOLUNTÁRIO...



Este é o meu quarto mês em Honduras. Antes de eu chegar, sabia que, como voluntário, ia a um lugar destinado às crianças em risco de exclusão social, num dos Países considerado com alto risco de violência. Mas uma coisa é ouvir falar e outra coisa é viver esta realidade e defrontar-se com o fato de que, diariamente, as mortes nos conflitos armados, são noticiadas. Neste cenário, encontro no Lar Dom Bosco cerca de 53 crianças (meninas e meninos) de 8 a 14 anos. Estas crianças provêm de situações difíceis e são poucas as que têm mãe e pai. Muitas delas vivem com a mãe e os irmãos ou com a avó porque o pai foi morto ou está preso. As situações familiares difíceis aumentam a raiva e a agressividade nestes pequeninos que, muitas vezes, são desconfiados e prontos para a briga. Mas, como todas as crianças do mundo, estão sempre prontos também ao sorriso e ao abraço carinhoso.

Fui bem acolhido. Colaboro em diversas oficinas criadas para elas, dou o meu apoio, sou árbitro nos jogos e ajudo no serviço da casa, onde se faz necessário. Porém, o que mais me alegra é a oficina de grafite. No início, as crianças ficaram curiosas com este tipo de trabalho e se inscreveram em grande número querendo aprender. Nestes três meses, vários muros da casa foram pintados e, a cada início de um novo painel, o gosto pelo trabalho e o entusiasmo aumentavam. Certo dia, uma das meninas da minha oficina aproximou-se e me disse que ficava muito contente por eu estar ali com elas, dando-lhes a oportunidade de aprenderem a pintar murais. Na realidade, é muito difícil expressar o que estou vivendo aqui. Talvez consiga fazê-lo melhor com as imagens de um mural. Com aquilo que estão aprendendo a fazer: exprimir-se a si mesmas nos desenhos que juntos fazemos nos murais.

Miguel Lozano

CONSTRUIR A PAZ

Pelos caminhos da nãoviolência

Ir. Martha Séide

"A verdadeira escolha não está entre a nãoviolência e a violência, mas entre a nãoviolência e a não existência... Se não conseguirmos viver como irmãos, morreremos todos como estultos".

Martin Luther King

O modo de educar

Esta afirmação de M. L. King, traz à luz a consciência de que a nãoviolência não é um fato automático, é uma escolha que favorece uma visão diferente do mundo. Trata-se de encarnar um novo estilo de vida, mais autêntico, para recuperar o sentido mais profundo da nossa existência na dimensão universal da filiação e da fraternidade. Este processo exige necessariamente uma

intervenção educativa capaz de fornecer instrumentos adequados para fazer frente à realidade natural da violência, mediante a estratégia da nãoviolência vivida no cotidiano. Sabemos que o tema é muito complexo e fica difícil intervir contemporaneamente sobre todos os fatores (econômicos, políticos, ambientais...) implicados no processo. Seja lá como for, a educação à nãoviolência não pode ser abstrata, requer um ambiente, uma relação, uma linguagem, condições que permitem traduzir tudo isso, mediante gestos concretos, em experiência vital,

Cultivar a comunicação nãoviolenta

Nós queremos educar para a nãoviolência, então, um dos caminhos obrigatórios é exatamente a linguagem usada na comunicação comum, nas relações cotidianas onde a possibilidade de conflito é inevitável.

Neste processo, os estudos de Marshall Rosenberg, psicólogo dos Estados Unidos, especialista no tema, podem ser muito úteis. Segundo este autor, a linguagem cotidiana pode ter duas conotações: uma comparada ao *chacal* (animal que se nutre de cadáveres) e a outra equiparada à *girafa* (animal terrestre que tem o maior coração). A primeira é uma linguagem que avalia, interpreta, julga e muitas vezes é ofensiva e violenta; a segunda procura compreender, não julga, não exige, mas pede. Se a *linguagem chacal* é prepotente, tolhe toda criatividade (Pare com isso! Basta!), a *linguagem girafa* é acolhedora e respeitosa, liberta e sugere (eu gostaria que me fizesse, se puder...). Rosenberg propõe quatro condições para cultivar a comunicação nãoviolenta na linha da linguagem girafa.

observar sem julgar:

não se diz "você me irritou", mas sim "você levantou três vezes a voz".

expressar os próprios sentimentos:

a frase "percebo que você não me ama" não expressa os seus sentimentos mas os do outro; ao invés "estou triste com sua partida" exprime de modo claro os seus sentimentos.

tomar consciência e verbalizar as próprias necessidades:

em vez de dizer "você me desapontou porque não veio", é melhor expressar deste modo: "Fiquei desapontada por você não ter vindo naquela noite porque queria falar-lhe de coisas que me preocupam".

formular a pergunta de modo claro:

em vez de dizer, "quero que você me compreenda", dir-se-á "gostaria que você me dissesse uma coisa que fiz e que você aprecia". Todos os seres humanos são condicionados por estas dinâmicas linguísticas que refletem a atitude básica na relação. Por isso, a atenção a estes quatro momentos pode favorecer a escuta empática e orientar a comunicação para a nãoviolência.

Criar comunidades da nãoviolência

Quando se cultiva a comunicação nãoviolenta no cotidiano, os relacionamentos são alimentados, restauram-se e se fortalecem visando à construção da comunidade. O coração da não violência está no processo de criar comunidades edificadas na solicitude, no respeito recíproco e no amor.

Em síntese, trata-se de criar comunidades alternativas onde a experiência da nãoviolência se torna "um ministério". Neste sentido, as comunidades educativas tornam-se lugares de cultura nãoviolenta para combater a prepotência, a agressividade e a injustiça em nossas vidas e na sociedade.

Por uma mudança social nãoviolenta

Segundo o ativista Bill Moyer, os movimentos de transformação social têm desempenhado um papel central ao longo da história na realização das mudanças sociais positivas. Constituem um meio poderoso de ação enraizado nos valores profundos.

Nesta perspectiva podemos afirmar que as comunidades educativas que cultivam a *comunicação nãoviolenta* e assumem a nãoviolência como um *ministério*, podem tornar-se agentes

de transformação social. Isto implica uma estratégia atentamente elaborada a partir de valores fortes, para realizar a mudança de forma capilar: na vida de cada pessoa, nos centros educativos, nas famílias, no território em nível civil e político, na Igreja.

A estratégia principal consiste em promover a participação onde todos se sintam envolvidos para dar o melhor de si ao bem comum.

Subsídios para acelerar os percursos da educação à nãoviolência

BUTIGAN Ken, *From Violence to Wholeness. A ten Part Process in the Spirituality and Practice of Active Nonviolence, Pace e Bene Nonviolence Service*, Las Vegas USA 2002.

BUTIGAN Ken, *Dalla violenza alla pienezza. Percorso in dieci tappe di spiritualità e prassi della nonviolenza attiva*, tradução de Glória Romagnoli, EMI 2005.

As numerosas publicações de **Marshall Rosenberg** sobre a nãoviolência, traduzidas para as línguas mais comuns.

Trasformazione nonviolenta dei conflitti. Publicado por um consórcio de organizações em nível europeu, com o original em eslovaco e a tradução em mais línguas.

Edificazione della pace. Manuale di formazione Caritas publicado pela Caritas Intenacional 2002. Tradução em outras línguas

PIO DE ARIADNE

Os medos

Maria Rossi

O medo é uma das emoções humanas mais arcaicas e primordiais. Acompanha o ser humano desde o nascimento. *É uma reação normal de defesa* diante de uma situação de perigo real, antecipado pela previsão, ou evocado pela lembrança ou, também, apenas produto da fantasia.

É frequentemente acompanhado por atitudes de fuga, de agressão ou de paralisção (paralisia fóbica). A imagem que comumente é usada para representá-lo é a de uma pessoa imobilizada com olhos arregalados. Ninguém está totalmente livre dos medos. Mesmo se, nem sempre, se consegue dar-lhes nome; fazem parte da vida.

Antes de escrever estas reflexões, perguntei a pessoas de várias idades, se tinham medo e do quê tinham medo.

As respostas mais frequentes, correspondentes àquelas que eu havia encontrado na minha longa experiência de psicóloga, foram: medo da morte, do sofrimento, da doença, do incógnito (pessoa ou situação), da incerteza, do juízo dos outros, do escuro. Algumas adolescentes, com a clássica atitude da autossuficiência, responderam: "Não tenho medo de nada".

O medo da morte

O medo fundamental, do qual derivam os outros, é o medo da morte, considerada como destruição da vida. É um medo amplamente justificado. O ser humano e a natureza que o circunda são marcados pela mudança, pelo limite, pela finitude, ao passo que *a aspiração profunda* do indivíduo *é a de ter uma vida* estável, segura, *sem fim*.

O medo é um mal que pode levar à autodestruição, "porque o medo de morrer é indistinguível do medo de viver".

Pode-se expressar o medo diretamente quando se fala dele. Assim, diante a uma doença de consequências incertas, o fato de falar dela pode, não só libertar da angústia, mas também estimular dinâmicas positivas capazes de superar a crise ou de melhorar os resultados.

Porém, não é raro que, devido ao seu peso angustiante o medo seja removido e que se manifeste indiretamente com atitudes de defesa. São atitudes de defesa contra o perigo sempre ameaçador da morte, a tendência mórbida para à posse e ao poder. Possuir casas, campos, "celeiros cheios", pode dar a sensação de assegurar a vida.

Assim, também, exercer o poder sobre os outros, ter tudo sob controle, pode tranquilizar acerca de possíveis emboscadas e lamentáveis imprevistos. O medo da verdade, no fundo, é também medo da morte. O conhecimento de alguns fatos referentes à própria vida pode ser muito doloroso, esmagador e, então, é removido, rejeitado.

Nos detalhes da vida cotidiana, podem-se encontrar atitudes ou "ritos" que se realizam para, indiretamente, acalmar o medo angustiante e dificilmente controlável da morte: a tendência *excessiva* de controlar o paradeiro das pessoas, a propensão à suspeita e à agressão, a necessidade de controlar que as portas estejam bem fechadas, que os alimentos não estejam estragados e que as mãos estejam bem lavadas.

O mesmo medo pode esconder-se na necessidade de ter "a gaveta" bem abastecida e de recorrer ao médico por qualquer pequeno distúrbio, assim como, na tendência obsessiva de guardar as coisas, de não tolerar as mínimas mudanças, de querer perpetuar usos privados de sentido, de se evadir diante da verdade dos fatos.

O medo não é danoso se fica dentro dos limites normais, antes, pode suscitar prudência, evitar problemas irreparáveis, estimular ao cumprimento do próprio dever e à aceitação dos próprios limites. Ao invés, quando é excessivo, invasivo e patológico, aumenta enormemente os perigos, inibe, bloqueia, torna-se uma gaiola.

Cada uma/um reage aos medos com maior ou menor consciência, do jeito que pode, com o seu modo de ser. O ideal seria tomar consciência dos próprios medos e chamá-los pelo nome, descobrir sob quais atitudes ou defesas eles se escondem, falar deles e procurar enfrentá-los com prudência, coragem e paciência, mas diretamente. O medo de conhecer algumas verdades que tocam a própria vida requer, para ser superado, muita coragem e um bom acompanhamento: trata-se, de fato, de mergulhar num sofrimento profundo, perpassá-lo sem perigos e ir além, libertando-se dele. Os medos, se retidos e cultivados aumentam, pesam na alma, inibem a vida. Alguns deles desaparecem quando são verbalizados.

É muito importante superar o medo, mas *não se pode exigir isso nem de si mesmos, nem dos outros*, mesmo quando, mais ou menos, se chegou a compreender a causa. Uma reflexão explícita sobre a condição de ser criatura, a finitude da natureza humana, as mudanças das etapas da vida e de todo o ser vivente, poderia ajudar a superar o medo e a angústia da morte. A reflexão partilhada, além de reduzir as sombras e os fantasmas angustiante que o medo cria, ajuda a aceitar, pelo menos racionalmente, que se trata de uma conquista, mesmo se, em nível profundo, a aspiração ao "para sempre" não se acalme facilmente.

Para quem aprendeu a enfrentar os medos de modo indireto, por meio dos "ritos" do controle, do acúmulo, da manutenção do "status quo" ou os disfarça e esconde em objetos simbólicos – o escuro, a água, o rato, a aranha, o lagarto, o aglomerado de gente e outros – a superação torna-se mais complexa e problemática. Descobrir a verdadeira fonte do medo é difícil, mas não impossível: para isso, poderia ser útil perscrutar as próprias origens, refazer o percurso da própria história em companhia de pessoas amigas, coetâneas, ou com a ajuda de especialistas.

A fé é uma ajuda eficaz e segura para a superação da angústia da morte. Ela, de fato, não só tranquiliza, mas também, confere a certeza de que, de modo diferente e novo, a vida continua, não termina e responde à aspiração mais profunda do ser humano.

É bom ter presente que quem tem medo, tem medo. E quando a pessoa é tomada pelo medo, não se pode pedir a ela para raciocinar, nem tampouco fazer piadas.

Como muitas vezes se faz com espontaneidade, ajuda-se a pessoa que está sofrendo, simplesmente oferecendo-lhe a própria companhia e o silêncio empático. Somente quando a fase aguda se abrandou, pode-se estimulá-la a expressar, se for possível e como for possível, os

conteúdos do medo. Fazê-la falar. Livrar-se e livrar do medo é um grande trunfo, mas, quando isso é impossível, como muitas vezes acontece porque não basta querer, é igualmente benéfico aceitar-se com as próprias defesas e viver o mais serenamente possível.

O medo do outro

O medo do outro, do diferente, está ligado ao medo da morte. O outro, os outros são geralmente desejados pela ajuda que podem dar, pela sua companhia, amizade, pelo seu amor. Mas, pelas suas diferenças e exigências, podem ser vistos como uma ameaça à própria vida, como concorrentes traiçoeiros e causar medo.

Se o outro for de etnia, cor, religião e cultura diferentes, a perplexidade e os medos aumentam.

Quando uma pessoa chega, invade o campo, reserva para si espaços antes livres, pede atenção, confiança, respeito à sua dignidade e à sua irrenunciável liberdade. A acolhida comporta renúncia à própria autoafirmação, aceitação dos limites do outro, tolerância a respeito dos valores, usos, costumes e modos de pensar diferentes. Trata-se de sacrifícios não indiferentes e também de riscos.

Acolher o outro, seja quem for, é uma grande vitória sobre o medo, embora não seja indolor. O esforço para redimensionar a tendência à expansão sem limites, a renúncia à necessidade (não autêntica) de possuir e a uma exagerada autorreferência, o esforço para compreender o outro na sua diversidade, são posturas que levam a um real crescimento em humanidade e a uma vida mais plena e livre. A acolhida, o relacionamento positivo, o encontro com o diferente no seu mistério, mesmo com algum choque inevitável, ajudam a construir e a reforçar a própria identidade pessoal e a forjar uma personalidade poliédrica.

Supera-se o medo do outro com mais facilidade, quando se procura conhecer a pessoa por aquilo que realmente é, desbaratando, assim, os preconceitos culturais.

Muitas vezes escutam-se expressões como esta: "Eu acreditava, eu pensava, parecia-me que..., em vez é o oposto". A fé, também neste caso, é um poderoso remédio, como o é para o medo da morte. Ela, de fato, levando a considerar os outros como irmãos e irmãs, filhas e filhos do mesmo Pai, abre aos horizontes de uma fraternidade universal e sustenta o ser humano, no esforço de acolher o diferente, perdoar e, também, de se perdoar.

Quando é o medo que prevalece, a situação muda. Perante o diferente, o medo manifesta-se muitas vezes com atitudes de arrogância, com a tendência a aparecer, a prevalecer, com um controle excessivo da situação e das pessoas e, também, com o desejo de dominá-las. Ao medo do outro, pode-se associar a desconfiança. A desconfiança estimula a fantasia a imaginar e a descrever a pessoa ou o objeto do medo como um monstro, uma bruxa, um alienígena, um infiel, um ser muito perigoso e, portanto, a ser eliminado. Assim foi justificada a queima das bruxas, no passado e, ainda hoje, são justificadas a pena capital e outras modalidades bárbaras de eliminação do ser humano.

O medo fecha a pessoa em si mesma e a torna pequena, mesquinha, mergulhada na própria faculdade de julgar, incapaz de visões mais largas. Acolher o outro, o diferente, não é espontâneo e nem indolor. Requer disponibilidade, renúncia, sacrifícios, capacidade de superar o próprio egocentrismo, de abrir-se, de não ter medo de arriscar e até, se for o caso, de sair perdendo. "Mas – como observa o Autor ao qual já me referi – é importante compreender a diferença que há entre o sacrifício que sufoca e aquele que gera vida nova, evitando confundir as dores do parto com as angústias da agonia".¹

rossi_maria@libero.it

¹ BRENA Gianluigi, *Identità e relazione. Per una antropologia dialógica*, Messaggero, Padova – 2009, pag. 159

OS JOVENS **E AS CORES**

**O ESCURO TRAVA
COM AS CORES
UM DUELO
QUE NÃO O VERÁ
VITORIOSO**



VERDE

O VERDE
É A COR
DA NATUREZA
EXUBERANTE
E DA
JUVENTUDE

O VERDE É A COR
DA MANIFESTAÇÃO
CONCRETA DA VIDA



Textos extraídos
da "Svolta di respiro"
de Antonio Spadaro

Entrevista com Ir. Sania Josephine (Índia)



Acredito na presença educativa porque...

por Mara Borsi

A situação atual da juventude nos impele a aplicar o Sistema Preventivo, especialmente com a presença educativa salesiana. As dificuldades que os jovens experimentam na busca de uma sólida identidade, na elaboração do projeto de vida, na procura de trabalho nos interpelam a mobilizar-nos em direção a eles.

Conheço jovens inteligentes e curiosos, entusiasmados pelas coisas boas e positivas, decididos a realizar o bem, mas também, frágeis e facilmente manipuláveis.

Creio na presença educativa porque...

Hoje são poucos os pontos de referência para os jovens, aqueles que realmente os orientam e não os atraíam. Quem está crescendo precisa ver, saber e experimentar a presença de adultos profundamente interessados por eles; educadores e educadoras que saibam amar com desprendimento.

Acontece, às vezes, que adolescentes e jovens se rebelam diante dos desejos de seus pais e os desafiam porque querem ser como os amigos. Se os pais não conseguem formar convicções, os jovens não têm outro referencial senão nós educadoras. O risco é ficar fechadas no nosso mundo, pouco atentas ao diálogo, em vez de ficar ao lado deles, de interceptar suas vidas no cotidiano. Acontece que também nós FMA, negligenciamos nossa responsabilidade, que é específica: ficar, com amor, ao lado dos que estão crescendo, em todas as suas etapas evolutivas. Os jovens e as jovens, que frequentam as nossas escolas, manifestam, às vezes, comportamentos não desejados e desagradáveis. Eu pude verificar que, quando os acolhemos com suas fragilidades, criamos condições para a construção de relações profundas e duradouras.

Precisamos ser verdadeiras mães. É importante dizer a verdade com delicadeza e na caridade, mas fazendo-os sentir que os amamos e não os condenamos.

Creio na presença educativa porque...

Os jovens buscam a felicidade e nós somos chamadas, como educadoras, a indicar-lhes o Evangelho como o caminho para a felicidade. Por isso, precisamos ser alegres, testemunhar que somos felizes em nossa vida com Deus. É necessário ser animadoras ativas e criativas, presença afável, é preciso criar o ambiente familiar no qual os jovens possam desfrutar a verdadeira tranquilidade interior e expressar-se livremente sem medo da rejeição ou do julgamento. Muitos jovens não estão satisfeitos com a própria aparência e procuram de muitos modos sentir-se melhor consigo mesmos e, às vezes, chegam a fazer de tudo para serem aceitos pelo grupo. Evidentemente, é nossa a responsabilidade de levá-los à clara compreensão de que a verdadeira beleza vem de dentro e não do modo de se vestir ou das coisas que se possuem.

Os jovens têm necessidade de experimentar-nos como pessoas felizes e precisam do nosso convite para crer em Jesus.

Eu percebi o quanto é importante compartilhar a própria história vocacional e a experiência de Deus. Quando assim o fazemos, o nosso testemunho os encoraja a escolherem Cristo como o Senhor de suas vidas.

O testemunho é um desafio para cada uma de nós.

Creio na presença educativa porque...

Sim, a assistência salesiana é indispensável para formar os jovens. A presença educativa previne experiências negativas que podem danificar e bloquear seriamente um crescimento sadio.

O método educativo salesiano pede aos educadores, às educadoras um tempo de dedicação aos jovens também fora da sala de aula, do escritório, da casa, para que o tempo livre deles seja compartilhado e ocupado com presenças amigas. O recreio é muitas vezes o momento de aproximação mais oportuno para conhecê-los, para ganhar os seus corações, em alguns casos, desconfiados.

Para mim, a presença educativa é dedicação, ajuda, acompanhamento, partilha de vida que estimula e leva à maturidade. Segundo Leon Barbey, "A educação é um encontro". Sem encontro não pode haver educação. É mediante a amizade, a conversa informal que se estabelece a relação. Sem cordialidade é impossível demonstrar o afeto, e sem o afeto não haverá confiança.

A meu ver, são dois os desafios que temos à nossa frente: ficar realmente no meio dos jovens e assumir a assistência não só por um período ou fase da vida, mas por toda a vida. Além disso, para tornar a presença educativa eficaz seria necessário, a meu ver, repensar em alguns casos, a estrutura da vida comunitária, reorganizar o horário do dia e das orações a fim de facilitar o contato direto com os jovens, redescobrir o valor da assistência salesiana e assim realizar o que se almeja: não apenas ser *para* os jovens, mas ser *com* os jovens.

São palavras de Madre Teresa de Calcutá: "Somos chamados a ser fiéis e não a ter sucesso". Se permanecermos fiéis ao amor dos jovens e se fizermos tudo o que está ao nosso alcance, Deus fará a sua parte. E logo perceberemos que Deus age por meio de nós e junto conosco, de um modo misterioso que nem sempre entendemos.

PASTORALMENTE

Oratório em projeto

Palma Lionetti

Pensar no Oratório como projeto é pensar em um porto com suas partidas e chegadas, com seu cenário onde as pessoas se cruzam e as iniciativas brotam. Um movimento contínuo que permite a troca e o crescimento.

Em geral, dizemos que um ambiente é um "porto de mar" quando queremos evidenciar, com esta expressão, as características do caos e da falta de organização. Em vez disso, imaginar um Centro Juvenil como um porto significa tornar este ambiente capaz de acomodar o farol das propostas, promover projetos, estimular os jovens a assumirem responsabilidades, a embarcarem nos navios das novas ideias.

Claro, um lugar de animação como o Oratório não poderá ser semelhante a um depósito de embarcações sempre atracadas no ancoradouro. Se assim fosse, por que os jovens deveriam frequentá-lo?

Mas então, o que faz de um Oratório um lugar tão dinâmico? A projetualidade!

Na língua italiana o termo feminino "projetualidade" traz no seu bojo semântico a vontade, a capacidade de idear alguma coisa, de criar, mas, "se não há desejo, não há projeto", e esta referência ao significado do termo nos oferece a possibilidade de apelar imediatamente ao conjunto de convicções e de critérios pastorais que são fundamentais para fazer do Oratório um verdadeiro «laboratório educativo».

Navegar por exibição é arriscado em âmbito educativo, sobretudo quando a comunidade educativa é grande e as atividades são articuladas; por isso, torna-se indispensável dispor de um projeto capaz de gerar verdadeiros "percursos educativos" que permitam:

- planejar escolhas responsáveis e de qualidade que levem a crescer como pessoas capazes de comunhão e como cristãos adultos na fé;
- efetuar uma constante avaliação do caminho já feito e a ser feito;
- tornar-se garantia de continuidade também quando há troca das pessoas envolvidas no compromisso educativo;
- habilitar todos os operadores, tanto profissionais como voluntários, a se identificarem com o próprio papel educativo” (V. Baresi-F. Fornasini).

Claro, dizer projetualidade não significa falar de determinada sensibilidade que uma única pessoa possui ou falar da paixão de algum voluntário particularmente envolvido. Nos bastidores deve necessariamente estruturar-se um caminho de formação que permita a cada operador envolvido conhecer com clareza os objetivos e as escolhas comuns, de modo a dar os passos na mesma direção.

Uma condição básica para se trabalhar nesta linha é, obviamente, o trabalho em *equipe* e, por conseguinte, uma *gestão democrática* que saiba gerar o máximo de envolvimento e participação. No entanto, é preciso polir o ar destes dois últimos termos, em torno dos quais, nesses anos, criou-se um verdadeiro mito. Se participar é ter influência na construção do projeto, é também verdade que nem sempre conseguimos promover aqueles processos que permitem definir/decidir coletivamente as instâncias fundamentais tais como as carências, os problemas, as expectativas e os objetivos. A programação participada, como a que pode acontecer mediante o conselho oratoriano, é ao mesmo tempo finalidade e instrumento. No momento, nós todos estamos convencidos disso, ao menos sob o ponto de vista teórico. Claro, por meio da participação melhora-se e se potencia a capacidade de ação intencional e consciente dos atores da comunidade educativa, que aprendem aos poucos a agir com o escopo de melhorar a qualidade de vida, e a não se deixar bloquear pelos problemas e dificuldades. É importante não reduzir a participação a uma questão de técnicas a serem utilizadas para promovê-la e sustentá-la: é necessário ir além das técnicas para encontrar ou reencontrar um ambiente consensual que mantenha alta esta tensão a fim de não escorregar na desilusão, logo após ter apostado na convicção.

Enunciar a participação, a gestão democrática e praticá-las, não são, obviamente, a mesma coisa. Elas se tornam uma experiência de crescimento pessoal e de desenvolvimento comunitário, na medida em que são, também, uma oportunidade de aprendizagem e de troca, útil para aumentar e aprofundar as relações, superar os estereótipos e os preconceitos entre os animadores e com os jovens, sustentar a comunicação, a mediação e a assunção coletiva de responsabilidades concernentes aos interesses comuns.

Tornam-se necessárias algumas conversões: *Passar de uma pastoral improvisada a uma pastoral pensada, planejada, intencional; de uma pastoral autoritária, nem sempre atenta às condições de cada pessoa a uma pastoral em que cada pessoa é acolhida na sua estupenda e irrepetível unicidade.*

No Oratório, a formação acontece na ação e mediante a ação: cada ação evangeliza os jovens que a vivem graças à elaboração, à preparação, à decisão motivada para vivê-la, à realização e à avaliação que exige. São formativos todos os valores de empenho, pessoal e comunitário, reclamados pelas atividades.

Assim, passa-se da segurança do «fazer sozinho» ou do «ditar» como se faz, ao risco da busca e da responsabilidade compartilhada; do eficientismo, à paciência que a verdadeira educação exige; da improvisação à fadiga e à ascese da planificação; do «poucos que fazem tudo» ao «todos que fazem alguma coisa»; do «assim como não há muita gente preparada» e, portanto, «os preparados» fazem tudo, à preparação dos futuros animadores e operadores pastorais. Estas são apenas algumas das propostas para tornar o Oratório aquele “porto” no qual a mobilização interna e externa ilumina e permite, como dizíamos na abertura, a troca e o crescimento graças a uma projetualidade compartilhada.

palmalionetti@gmail.com

A Mulher e a Evangelização

Paola Pignatelli , Bernadette Sangma



Ela é viúva, uma mulher pequena, frágil e magra. Sozinha administra uma casa de acolhida com 37 crianças (meninos e meninas), órfãos e abandonados. Chama-se Anna. Nós, duas FMA, e um sacerdote, fomos visitá-la, numa das periferias de Nairobi. Chegando à sua casa, ao anoitecer, algumas crianças, as maiores, vieram ao nosso encontro, as menores estavam brincando com dois gatinhos, e as demais, vendo televisão. Sentamo-nos no salão, entretidos com as maiores que preparavam o chá e um doce de banana, para nós. Quando tudo ficou pronto e a mesinha já estava posta, tivemos a maior surpresa: um menino que parecia colado na televisão, espontaneamente interrompe o programa que estava assistindo, levanta-se e vem rezar conosco, abençoando a merendinha.

Ficamos profundamente tocados ao perceber o clima de serenidade que reinava naquele ambiente impregnado de Deus.

Pensar em mulheres como Anna, que desempenham o papel de criar o canal fundamental por onde flui a linfa vital de Deus na vida das pessoas, sobretudo das crianças, continua a nos suscitar perguntas a respeito do papel feminino na evangelização.

Evangelizadoras porque...

Nos *Lineamenta* do Sínodo sobre a Nova Evangelização afirma-se que “cronologicamente, a primeira evangelização começou no dia de Pentecostes” (n. 23). A consideração nos coloca diante do quadro dos apóstolos reunidos em oração no andar superior e os Atos têm o cuidado de nos dizer que, no cenáculo, havia também algumas mulheres e Maria, a Mãe de Jesus (At 1, 14). O detalhe sutil sobre a presença feminina é uma evocação do ato generativo e do parto da missão evangelizadora da Igreja, sob a ação do Espírito Santo, com a mesma dinâmica emblemática que ocorreu no nascimento de Jesus.

A evangelização não é nada mais do que a geração da pessoa para vida de fé e, neste ato, a presença e a participação ativa da mulher é conatural e flui como um renascimento espiritual, dando continuidade àquele processo originário no qual a mulher se torna um espaço que acolhe a vida, cuida dela no corpo que lhe é próprio, nutre-a e a faz crescer trazendo-a para a luz.

Na história da Missão Ad gentes...

Um olhar rápido sobre as atividades evangelizadoras e missionárias da Igreja, durante a grande era missionária dos séculos XVI e XVII, demonstra a ausência das mulheres. No século XVI poucas e isoladas presenças de irmãs começaram a aparecer no horizonte, em terras de missão.

Segue, porém, uma transformação completa no século XIX, quando se verifica uma verdadeira proliferação de religiosas na vanguarda da evangelização. Desse período em diante, a presença das mulheres nas missões não era apenas uma exigência, mas literalmente, sua ausência fazia falta e era nociva à mesma missão. A presença indispensável das mulheres religiosas na missão advém com a mudança da abordagem missionária, que começa a incluir as obras educativas, sociais e caritativas: ou seja, as obras que exigem um toque gerador, como parte integrante da atividade evangelizadora da igreja.

Tal abordagem abre uma vasta gama de possibilidades às religiosas, envolvendo-as em atividades de iniciação cristã, educação, cuidado com a saúde e em várias outras atribuições a serviço da vida.

A mulher, capaz de tocar e iluminar as necessidades fundamentais da vida, capaz de trazer no seu corpo, nos seus pensamentos, nos seus passos e gestos uma vida evangélica, mesmo se

ignorada e invisível, só pelo fato de ser mulher e mãe, então capaz daquele amor que é a essência universal do Evangelho, poderá ser sinal de uma Igreja Mãe, portanto “mulher” e então geradora de vida!

Não se trata tanto de raciocinar sobre o papel da mulher na evangelização, quanto – talvez – de refletir sobre a identidade da Igreja, chamada a representar as núpcias, a maternidade, a misericórdia... Neste DNA, como não colocar, de modo essencial e permanente a figura feminina, como supor uma vida missionária sem estes matizes relacionais, capazes de empatia e de reconciliação, porque intrinsecamente trazidos para harmonizar as entranhas e a mente?

Se o Evangelho é Amor, as mulheres, educadoras de humanidade, podem expressá-lo mediante a própria sensibilidade, sobretudo aos mais pequeninos e aos mais fracos e, caminhando pelo mundo, com santa audácia, podem torná-lo mais simpático, gerando passo a passo uma humanidade melhor!

paolapignatelli@hotmail.com; sangmabs@gmail.com

MOSAICO

Família. Recurso para a crise

Anna Rita Cristaino

«A família é redescoberta como o principal trunfo da humanidade, fator e sinal de uma cultura verdadeira e estável em favor do homem» (Bento XVI).

O VII Encontro mundial das famílias realizado em Milão, de 30 de maio a 3 de junho passados, foi chamado *Profecia de esperança*. Um grande evento para atrair a atenção de todos para a família, núcleo importante da sociedade que se for bem cuidada, torna os seus membros felizes e traz vantagens para a sociedade.

O Papa Bento XVI, presente ao evento, lembrando o amor familiar disse: «...é fecundo para a sociedade, porquanto a vida familiar é a primeira e insubstituível escola das virtudes sociais, como o respeito pelas pessoas, a gratuidade, a confiança, a responsabilidade, a solidariedade, a cooperação».

A família, com sua capacidade de relação, de serviço e de acolhida é um “recurso confiável” e um “dom” que contrasta os desmandos de hoje rumo à irresponsabilidade e à fragmentação. Diante do peso enorme que a crise econômica global está colocando sobre muitas Nações do mundo, sente-se a necessidade de vigor e de fantasia para repensar e organizar o trabalho e a família numa ótica conciliadora.

Não obstante a estrutura e a forma da família estarem mudadas em nosso tempo e bem diferentes nos vários contextos culturais, é importante viver a família como uma realidade caracterizada pelas relações de amor que se tornam história e que ligam entre si um homem e uma mulher.

A cultura individualista, utilitarista, consumista, empobreceu as relações humanas e comprometeu a confiança entre as pessoas. A redescoberta do homem como sujeito essencialmente relacional e o cuidado com a boa qualidade das relações podem levar à superação da crise do trabalho e da família. A crise faz emergir o desconforto, há tempos latente, e abre novas perspectivas.

Ennio Antonelli, presidente do Conselho Pontifício para a família, disse com insistência: «A atual crise, que preocupa os povos e os governantes, não é para ser considerada apenas uma crise econômica, mas também, e mais profundamente, uma crise antropológica e cultural... Precisamos primeiro de uma revolução cultural e antropológica, antes da econômica, para propagar a lógica

do dom não apenas na família e na festa, mas também no trabalho e na economia. A contribuição mais específica das famílias ao sistema econômico, é formar o capital humano».

arcristaino@cgfma.org

COMUNICAÇÃO E VERDADE

Uma rede tão grande quanto o mundo

Profundidade das relações

Patrizia Bertagnini, Maria Antonia Chinello

A Rede tornou-se, nesses anos, o tecido que sustenta a “participação” à vida do Instituto. Agora, graças à “Internet”, muitos eventos quase invisíveis são “vividos diretamente” pelas comunidades. E comunidade quer dizer: FMA, jovens em formação, alunas e ex-alunas, leigos e leigas, colaboradores e colaboradoras, benfeitores, membros da Família salesiana.

Um percurso de ida e volta: da Rede à animação, da web à oração. Círculos concêntricos para tecer relações e interações, envios e lembranças, emoções e agradecimentos.

O questionamento a respeito da profundidade das relações que se vivem (e se multiplicam) na Rede, não é deixado de lado nem tampouco de pouca relevância: é importante cuidar da qualidade, colocar-se continuamente o objetivo de consolidar a relação e a comunicação, para que aquela Rede que nos envolve se torne, cada vez mais, vínculo de unidade e de envolvimento, de participação e de diálogo, de “sentir-se com” e de “trabalhar para” em conjunto.

Uma festa sem fim

«Querida Madre, a Festa da Gratidão continua aqui em nossa comunidade. Obrigada, Madre! *Ir. Dinair, Ir. Irene, Ir. Cilene, Ir. Maria Izabel e as Formandas*».

«Foi a festa mais linda... Acompanhei-a com grande alegria, pois, senti-me presente apesar de estar longe. *Ir. Virgínia*».

«O coração desta pequena cidade está junto de cada irmã. Estamos felizes por viver, graças à internet, a peregrinação festiva a que a senhora nos convoca. Feliz acolhida no coração de cada uma de suas filhas, em todo o mundo, para que Deus alcance suas vidas com alegria plena. *Ximena Palma, VDB*».

«Caríssima Madre, estamos felizes pelo encontro em Mornese e pelo entusiasmo que nos transmitiu. [...] Continuamos a acompanhá-la pelas estradas da França e da Lituânia com nossas orações e nosso afeto. O seu sorriso ficou impresso no coração dos nossos jovens e aumentou o desejo de viver a vida com empenho».

«OBRIGADA, Madre. Suas palavras, assim como toda a festa, nos encheram de entusiasmo e de comoção. Voltamos para casa com os olhos e o coração plenos de beleza e de desejo de continuar a festa no cotidiano. Quem não pôde estar presente, acompanhou-a pela televisão com o mesmo entusiasmo e, à noite e também hoje, continuamos a compartilhar os vários momentos, que nos transmitiram alegria. *As Irmãs de Pella*».

«Queridíssima Madre, queremos, dizer-lhe com a alma que, mesmo estando longe, estamos muito perto com a oração e o coração. Agradecemos e saudamos todas as Irmãs da Europa e do Oriente Médio, que lhe ofereceram esta linda festa e que pudemos desfrutar graças à internet. *Suas Filhas da Casa Santa Cecília de la Chinca*».

Estas são apenas algumas das centenas de mensagens que chegaram ao site do Instituto durante os dias da celebração da Festa da Madre.

Claro, um evento amado, esperado, tão fácil de comunicar, de estar presente, não é mesmo? Pensamos apenas nisso: realmente todas nós estávamos lá, em Mornese, em Saint Cyr, em Kaisiadoris.

Nós estávamos ao lado da Madre, escutávamos suas palavras e as repetíamos àquelas que, por vários motivos, não podiam escutá-las, lê-las; percorríamos o programa e realizávamos a atualização das páginas no site, colocando as fotos do evento.

Profundidade do silêncio e da palavra

A Festa da Madre é apenas o último acontecimento. Mas, pensemos na expectativa que se está criando em torno do filme "Main. A casa da felicidade".

Nós podemos nos projetar adiante: como será a beatificação de Ir. Maria Troncatti?

A Rede "torna possível" tudo isso. O nosso Instituto, há mais de 10 anos, escolheu "fazer-se presente na web, com uma comunicação de qualidade". Uma comunicação que não pode contentar-se com uma rede tecida com fios flexíveis ou *wireless*. Precisa de nós, do nosso: "existo, aqui estou!" para construir uma conversa tão grande quanto o mundo que vive dentro das nossas comunidades, e que se alarga ao mundo inteiro, às alegrias e dores. Uma profundidade de relações que se nutre do silêncio e da palavra. Porquanto, é o silêncio que predispõe ao encontro com o que é autêntico. É a palavra que revela a necessidade de um "tu" ao qual revelar-se, desvelar-se e do qual acolher a expressão para construir juntos, a comunhão.

*mac@cgfma.org
suorpa@gmail.com*

CONTRA

LUZ

DA PROFUNDIDADE

Existe uma necessidade mais forte da alma numa época como a nossa em que, passo a passo, os papéis assumidos pelas pessoas nas dinâmicas comunicativas, vão se tornando sempre mais turvos.

O desenvolvimento da rede – com a oferta globalizada de uma participação amplamente difundida na qual cada um de nós pode ser ao mesmo tempo, emissor e receptor – oferece-nos, é claro, a possibilidade de abandonar a lógica da *unidirecionalidade* da consciência de que *um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos (Mt 23, 8)*, mas nos obriga a assumir a responsabilidade pessoal do diálogo. Aquilo que o mundo avalia, com razão, como um excesso de liberdade, impõe – do ponto de vista ético – responsabilidades pessoais maiores em ordem à construção de relações capazes de abandonar a superficialidade das sensações para dirigir-se àquela profundidade na qual as relações são mais plenas.

A escolha de um perfil elevado construído sobre a valorização daquilo que não é imediatamente exibido, é também – na reflexão de Bento XVI, na Mensagem para a 46ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais – a chave de leitura de uma pastoral capaz de se fazer interpelar pela profundidade dos irmãos: «Quem sou eu? O que posso saber? O que devo fazer? O que posso esperar? É importante acolher as pessoas que formulam estas perguntas e abrir para elas a possibilidade de um diálogo profundo, feito de palavras, de confronto, mas também de convite à reflexão e ao silêncio, que, às vezes, pode ser mais eloquente do que uma resposta precipitada, e que permite, a quem se questiona, descer ao mais profundo de si mesmo e abrir-se àquele caminho de respostas que Deus inscreveu no coração do homem.



A MIM AS CONFIAS

Entrevista com Ir. Juliet Kwye Kwye

Os jovens indicaram-me o caminho



Anna Rita Cristaino

Juliet Kwye Kwye é uma fma de Myanmar que tem 10 anos de profissão. Ainda pequena conheceu as Irmãs da Caridade, em cujo Instituto estudou.

Juliet sentiu-se atraída pela vida destas religiosas e sentiu no seu coração o desejo de conhecê-las sempre mais.

Frequentando o Instituto, também depois das aulas, acompanhando as religiosas no seu apostolado com os enfermos, começou a compreender a vida de oração, o apostolado, a missão etc. «Depois das aulas, eu permanecia com elas e voltava para casa só para comer e dormir. Ficava continuamente com as irmãs. Gostava de vê-las rezar e trabalhar».

Depois de grande, acompanhava-as, aos sábados, em suas visitas aos hospitais. «Conheci a vida religiosa por intermédio das Irmãs da Caridade, único Instituto religioso que havia no meu vilarejo».

Juliet pertence a uma família católica. É a terceira de três filhos. Perdeu sua mãe quando era criança, mas seu pai soube cuidar dela.

«Ao concluir o Magistério, lecionei numa aldeia muito pobre. Lá estava o bispo, com o qual havia muita familiaridade. Muitas vezes fui falar com ele para que me ajudasse a discernir sobre o que fazer. No início queria que eu fosse estudar nas Filipinas, mas, achei que era longe. Então, propôs-me frequentar um curso de enfermagem».

No coração de Juliet pulsam dois grandes desejos, um deles é continuar os estudos, o outro, tornar-se religiosa. Conversa sobre isso com o pai que a deixa livre de escolher, prometendo-lhe o seu apoio incondicional.

«Fui falar com o bispo e lhe revelei o meu desejo de me tornar religiosa. Ele me perguntou em que congregação gostaria de entrar, respondi-lhe que conhecia apenas as Irmãs da Caridade. Como ele conhecia as irmãs salesianas, propôs-me, ao invés, fazer uma experiência com elas».

O bispo chama as Filhas de Maria Auxiliadora que se encontram na cidade e, depois de uma semana, Juliet já pode ir até elas para uma experiência. O bispo lhe dá o prazo de um mês, para conhecer e se decidir. «Depois de um mês ele me chamou e eu já estava decidida a permanecer com as FMA».

Juliet, a esta altura, decide começar o percurso formativo como aspirante. Suas irmãs estão um pouco cétricas. Seu pai a sustenta. «Meu pai jamais havia tocado num determinado fato. Quando eu estava para entrar contou-me que, também ele quando jovem, havia feito uma experiência com os salesianos. Chegou a ser noviço, mas saiu antes da primeira profissão. Antes, ele nunca me havia falado a respeito disso, mas em casa nós tínhamos um grande quadro de Dom Bosco».

Juliet, que conhecera a pobreza por meio das visitas aos enfermos, fez a experiência de outro tipo de pobreza e de carência.

«Nos meus primeiros meses de experiência, com as fma, conheci muitos jovens pobres, que não podiam estudar. Eram jovens em cujos olhos eu lia muito sofrimento. As fma ajudavam os que tinham tido poucas possibilidades dando-lhes uma segunda oportunidade em vista da construção de um bom futuro. Comecei a ensinar-lhes o básico para a leitura e a escrita.

Muitas das jovens falavam apenas o próprio dialeto, por isso, às vezes, a comunicação se tornava difícil. Muitas delas tinham medo».

Juliet gosta de se lembrar daquele primeiro mês de experiência em que experimentou o amor pelos jovens mais pobres e a possibilidade pessoal de se colocar a serviço do seu crescimento. «Compreendi, naquele mês, que podia ajudá-los a ter um bom futuro».

Juliet vive em estreito contato com eles enquanto observa a vida das irmãs, que demonstram alegria ao dedicar-se à juventude e às suas necessidades, numa comunidade simples e fraterna.

Dois meses de experiência, um ano de aspirantado e, depois, postulado e noviciado nas Filipinas. Volta a Myanmar após a profissão e lhe é pedido para ficar com as crianças da escola materna.

Uma lembrança a acompanha. Durante o primeiro mês de experiência com as irmãs conheceu uma jovem. «Ela dizia ter muito medo. Conhecia apenas o próprio dialeto, por isso a comunicação se tornava difícil. Percebia-se, porém, que era muito inteligente e capacitada. Quando voltei, depois de alguns anos, vi com surpresa, que havia concluído muito bem os seus estudos. Estava mudada. Tinha mais autoestima e consciência de si mesma. Então percebi, com clareza, que a nossa missão é suscitar confiança no coração da Juventude. Quando esta jovem sentiu confiança, venceu o medo.

Começou também a ensinar. No início, com um pouco de receio, mas depois, pouco a pouco foi se tornando desvolta no trato com os outros. Ela me fez compreender o que Deus espera de mim: que eu oriente as jovens na descoberta da própria beleza interior».

Juliet é feliz. Conheceu outras jovens que também se abriram com ela e compartilharam seus temores, alegrias e sofrimentos. E o fato de ela perceber como a confiança e o afeto recebidos fazem “renascer” a vida nestas jovens, é sinal de que o Senhor continua a chamá-la a realizar esta missão. Mas, não faltam as dificuldades.

«Eu consigo superar as dificuldades com mais agilidade, quando sinto que estou fazendo a vontade de Deus, quando tenho a consciência de que o que estou vivendo faz parte dos planos do Senhor. Acredito, fortemente, na mediação das minhas irmãs, que me ajudam a compreender, ainda mais, a vontade de Deus».

arcristaino@cgfma.org

VÍDEO por Mariolina Parentaler

Winter, o golfinho

A incrível história de *Winter, o golfinho*
de Charles Martin Smith – Estados Unidos, 2012



«A aventura de um animalzinho corajoso que mudou a vida de milhões de pessoas. Edificante e em 3D», citam os comentaristas, enquanto o julgamento da CVF o propõe como ‘ocasião exemplar’ para introduzir, com leveza, temas importantes como a ecologia, o ambiente, a pesquisa científica, o papel dos pais, a deficiência nos menores. Do ponto de vista pastoral – escreve – é avaliado como aconselhável, simples e recomendado a todos.

O filme inspira-se em fatos realmente acontecidos em 2005: um jovem golfinho fica preso numa armadilha para caranguejos e sofre várias lesões na cauda. Recebe socorro do *Clearwater Marítimo Hospital Aquarium* onde é denominado Winter, mas a sua luta para sobreviver está apenas no início. A inabalável dedicação amiga de um rapazinho, Sawyer, a experiência de um apaixonado biólogo marinho e a inteligência de um brilhante médico especialista em próteses, vão ser necessárias para levar ao final feliz a empresa que, não só o salvou, mas também, ajudou milhares de pessoas deficientes, em todo o mundo.

Quem encontra um golfinho encontra um tesouro

È difícil imaginar a construção de um roteiro cinematográfico mais capaz de criar comoção, participação, estímulo à solidariedade, do que este. Com plena consciência, baseia-se especificamente, sobre *o encanto natural* do irresistível protagonista golfinho, e sobre o potencial narrativo de sua história pessoal que é transformada em um símbolo para todos os portadores de alguma deficiência. “Somente ao Golfinho a

natureza deu o que o melhor dos filósofos busca: a amizade desinteressada. Embora não tenha necessidade alguma do homem, é amigo fiel e são numerosos os que ele ajudou”. Assim escreve Plutarco no primeiro século depois de Cristo, na tentativa de expressar a união atávica, quase ancestral, entre o homem e este nobre cetáceo que, no curso dos tempos, moldou lendas, mitos e histórias entre as mais fascinantes. Excepcionais e cotidianas ao mesmo tempo.

No nosso caso, além do mais, deve-se acrescentar que a história acontecida/narrada é dotada de dramaturgia, por isso soube mobilizar os produtores das altas esferas junto à opinião pública. Acendeu os motores do imaginário assim como das câmeras do diretor Martin Smith que, fazendo-a passar da crônica televisiva local à grandiosidade do telão, multiplicou-lhe o sucesso, a influência, a mensagem. Nas mãos de hábeis cenógrafos profissionais, os fatos da crônica, que colocam à prova o infortunado Winter, se juntam, com feliz sensibilidade e intuição, às dificuldades e às necessidades profundas de alguns membros da comunidade na qual é acolhido, socorrido e cuidado. É assim que, na praia onde um pescador pede ajuda diante do golfinho ferido, aparece Sawyer fugindo de todos, montado em sua bicicleta. Inseguro e introvertido, depois de abandonar o pai, mergulha-se constantemente em sua solidão, mas depois do encontro com Winter descobre uma oportunidade de resgate e de crescimento. Foi-lhe dada a possibilidade de poder vê-lo e segui-lo diariamente, precisando, para isso, faltar à escola de verão. Embora de início o biólogo responsável pelo Aquário – pai da falante amiguinha Hazel – não está de acordo, observando o benefício que nasceu de sua amizade, aconselha também a mãe preocupada, a favorecer aquele encontro/compreensão ‘mútua’. Infelizmente, a cauda ensanguentada de Winter é amputada e o golfinho se vê obrigado a nadar sem ela e, como consequência, os danos causados à espinha dorsal continuam a ameaçar sua vida. É a esta altura que entra em cena Kyle, o primo de Sawyer, veterano da guerra no Afeganistão, com uma perna amputada. Enquanto o visita no hospital, conhece o célebre protesista doutor McCarthy, e o convence a cuidar do golfinho. Não obstante os custos do projeto/experiência da inédita prótese revolucionária e o violento furacão que colocará em risco até mesmo a sobrevivência do Aquário, uma propaganda na televisão, projetada com afeto pela vontade tenaz de Sawyer resolverá a situação obtendo a solidariedade de todos: da comunidade local ao mundo. Não só se obterão os fundos para ajudar o golfinho, mas – como às vezes e por sorte acontece - a pesquisa feita com o objetivo de produzir um resultado específico produz benefício para muitos outros sujeitos. A banha criada para segurar a prótese em Winter resolveu o problema de muitos veteranos amputados e não só deles: as últimas imagens do filme mostram um documentário com crianças deficientes, necessitadas. Obra edificante e irresistível que deve ser vista e proposta.

PARA REFLETIR

O tema do filme: *não deixar ‘escapar’ – no difícil, mas precioso universo do ‘family movie’ – uma belíssima e verídica história que tem por protagonista uma golfinha e a sua amizade com um adolescente.*

“Certa manhã eu estava vendo televisão quando ouvi falar de Winter – declara o produtor Richard Ingber – fiquei fascinado pela história e percebi imediatamente que tinha o potencial de um grande filme para todas as famílias”. “Na película, é a própria Winter que se interpreta a si mesma – acrescenta Morgan Freeman no papel de cirurgião: ela é a verdadeira estrela e eu não via a hora de trabalhar com ela”. Também o restante do elenco tem a mesma opinião a começar pelo esplêndido ‘co-protagonista’ Nathan Gamble de doze anos no papel de Sawyer, que instaura um relacionamento profundo com a golfinha. Enquanto relata divertido, os ‘testes’ realizados para convencer a respeito de sua ‘sintonia/afinidade’ com aquela particular criatura, o jovem ator confessa: “Winter ensinou-me que, se de início é ela que tem necessidade de um amigo verdadeiro e fiel para superar o seu ferimento, depois acontece o inverso.

É exatamente ela que demonstra a todos a possibilidade de vencer os próprios medos/deficiências e de ser curado pelo contato humano, pela comunicação de quem ama. Aprendi que a ‘golfinho-terapia’ existe verdadeiramente: na América é utilizada para a cura de pacientes psiquiátricos infelizes e depressivos”.

O sonho do filme: *fazer da história de Winter uma fonte de inspiração para milhares de pessoas que enfrentam alguma deficiência, e que ainda visitam – também via internet – o golfinho no Clearwater Marine Aquarium.*

«O crescimento, a evolução do caráter e a tomada de uma maior consciência, são os fundamentos da arquitetura narrativa do filme, totalmente projetada em torno do encontro/confronto entre a pureza do mundo animal (Winter) e a inadequação tácita daquele menino (Sawyer)» - observa com justiça Tiziana Morganti. Mas, se a esta viagem de iniciação à vida acrescenta-se a frase célebre do filme: «Já lhe passou pela mente que não é só para você que é difícil?», o paralelismo se delineia entre as feridas de Winter e a de todos os ‘humanos’. Para além do adolescente introvertido, há o soldado ferido, as crianças com

deficiências e a síntese/mensagem exata: sobreviver a um acidente, sofrer uma amputação e aprender a usar uma prótese que, no início, o corpo parece realmente rejeitar, não é certamente fácil. Mas se há uma vontade enorme de viver e pessoas amigas que ajudam, você pode fazê-lo. Assim, sua história se espalha e eis que crianças e adultos deficientes vêm ao seu encontro, seguem o seu exemplo, encontram na sua força e naquela patente que lhe permitiu movimentar-se, uma esperança para o seu futuro.

ESTANTE DE VÍDEOS por Mariolina Parentaler

THE HELP

Tate Taylor – USA/Índia/Emirados Árabes – 2012

Vence o *Golden Globe* 2012 e o Oscar de melhor protagonista, Viola Davis, o de não protagonista, Octavia Spencer, não só, mas também o reconhecimento coletivo do elenco. “Filme a ser utilizado como ocasião para se aproximar de uma página muito controversa da história americana”, declara a Comissão CEI; para compreender/comunicar o indubitável cuidado com a reconstrução histórica e as interpretações eficazes”. Nasce do homônimo romance de estreia de Kathryn Stockett, um belíssimo Best-seller que vendeu 10 milhões de cópias em 40 países, tanto assim que impeliu Hollywood a fazer uma adaptação. É dirigido por Tate Taylor – amigo de infância da escritora, também ele originário de Jackson, onde se ambienta a história – e repetiu o sucesso do livro. No filão da autobiografia ele reevoca, na moldura de um Mississipi Anos Sessenta antes de Martin Luther King e das lutas pelos direitos civis, a história de Eugênia, jovem jornalista sensível e solidária, que volta a Jackson, depois dos estudos universitários em Nova York. Toma consciência do quanto ainda seja forte o sentimento de racismo contra as mulheres negras que sempre cuidaram das famílias da região – e também da sua – e, indignada, com sua própria ajuda (‘The Help’ do título) decide escrever um livro. Depois de terem superado a desconfiança inicial, as domésticas se interessam e se oferecem para revelar suas pequenas mas desgastantes humilhações cotidianas, sofridas sob o signo do racismo de Estado.

Qual é o segredo do filme? É o fato de construir com intensa participação humana, um universo todo ao feminino, escolhendo o estilo humorístico da comédia não obstante a dramaticidade do argumento, e a dimensão «privativa» como ponto de partida para uma batalha longa, coletiva, que passa por ciúmes, rancores e rigidez de classe.

Para a comunidade afro-americana é o início do caminho em direção à realização dos direitos civis.

OS IDOS DE MARÇO

George Clooney – USA 2011

Um filme candidato a quatro *Golden Globes* e lisonjeado pela imprensa de meio mundo e que havia sido selecionado para a abertura oficial da 68ª Mostra Internacional da Arte Cinematográfica em Veneza. Obtém imediatamente uma acolhida ‘calorosa/clamorosa’ junto com George Clooney, aqui como diretor, intérprete, roteirista e produtor da obra. Foi coralmente definido «um ótimo filme no sulco do melhor cinema clássico dos anos 40». Clooney confirma-se, não só como bom ator, mas também, como um autor de valor capaz de grudar o espectador à poltrona sem recorrer aos pequenos truques emocionais ou aos clichês ‘de gênero’. Homem de cinema ‘total’, assim o declara a Comissão CEI e escreve: «Ele nos presenteia com uma película intensa talvez mais útil do que muitos *talk show* televisivos vazios. Do ponto de vista pastoral é avaliada como recomendável e problemática; utilizada para começar a pensar sobre os temas declaradamente atuais que propõe». O roteiro parte da obra teatral “Farragut North” (de Beau Willimon), mas o título do filme faz referência direta à data da morte e à traição de Júlio César, também ele no centro dos jogos de poder não indiferentes. «Definirei este filme como um trailer político – precisa Clooney – não o penso como um filme politizado». O desenrolar dele apresenta os eventos de um jovem assessor político (Ryan Gosling), membro do grupo de apoio para a campanha presidencial ‘em curso’ de um governador democrático às primárias para a Casa Branca. Os elementos principais deste drama são, portanto, os compromissos da política entre lealdade e vingança, ambição e traições, verdades e mentiras.

SHAHBAZ BHATTI

R. Zuccollini G. Peitrolucci – Paulinas, 2012

Um nome já notável em todo o mundo, um outro mártir, nesta nossa época renovada de mártires. Havia começado a carreira política como uma missão, havia assumido a carreira de ministro na sua mais verdadeira e, muitas vezes, esquecida acepção: ele se fizera servidor pobre e desinteressado do Paquistão, o jovem e atormentado país que, sonhava, pudesse tornar-se o mais rápido possível, cenário de uma convivência pacífica e de solidariedade humana. “Quero que a minha vida, o meu caráter, as minhas ações falem por mim, lê-se no seu testamento espiritual, e digam que estou seguindo Jesus Cristo. Enquanto eu tiver vida, até o meu último respiro, continuarei a servir Jesus Cristo e esta pobre e sofrida humanidade”. Um verdadeiro mártir, cuja originalidade, escreve no belo prefácio o amigo Andrea Riccardi, está na audaz coerência, “num tempo de muitos cristãos cinzentos”.

OS CAMINHOS DA FELICIDADE

Enzo Bianchi – Rizzoli, 2010

Que novidade pode oferecer outro discurso sobre este tema que, no entanto, é inesgotável, as bem-aventuranças? Claro, elas têm um fluxo universal, mas aqui são relidas em confronto com aspectos e problemas específicos da sociedade de hoje, e o confronto é realmente iluminador. Alguns exemplos: Felizes os mansos... Não é para se reconhecer que, por séculos, nós, cristãos, nos alimentamos da intransigência, e da desconfiança com aqueles que são considerados afastados?... E hoje? O projeto de uma igreja que se impõe, que domina e que pede reconhecimentos, está eventualmente em conformidade com a mansidão de Jesus? Não, o Evangelho deve ser convite, proposta, deve suscitar o diálogo. E “o diálogo não é orgulhoso, não é pungente... é pacífico, paciente, generoso...” (Paulo VI). E ainda: “Felizes os que têm fome de justiça... Quem são os destinatários desta bem-aventurança? Certamente os cristãos, mas ela não pode talvez destinar-se também aos homens pertencentes a outras espiritualidades, até mesmo a alguns que se consideram ateus, mas que gastam a vida “para que seja feita a justiça ao órfão e ao opressor”? Deus só vê o seu coração e as motivações mais profundas do seu agir. Mas isso vale também para os cristãos... E que dizer do “Felizes os misericordiosos?” Quantos apelos, na Igreja do nosso tempo, para usar “a medicina da misericórdia”, como quis o Papa João XXIII e quantas vezes insistiram nisso os seus sucessores! No entanto, ainda hoje a Igreja nem sempre está pronta a manifestar o Deus misericordioso... Um convite, então, não só à consciência individual, mas à Igreja, como um todo, a confrontar, com a “carta magna” das bem-aventuranças, suas atitudes, suas escolhas, seus padrões de justiça.

A RESILIÊNCIA

Franca Sartori – Centro Studi Evolution, 2012

O livro parte de uma intensa experiência vivida. Prosseguindo na leitura, percebe-se que se trata de um pequeno, mas verdadeiro tratado científico, não árido e puramente teórico, mas vivaz e estimulante, também porque, legitimado por outras experiências humanas convincentes.

A resiliência, palavra usada até agora para indicar a capacidade material de resistir ao impacto, é agora aplicada ao vasto campo das ciências humanas. A descoberta, que pode se tornar revolucionária especialmente no campo pedagógico, é o fato de que tal força é algo que está ontologicamente presente na natureza humana e que um trauma, mesmo grave, não só pode ser superado, mas pode até libertar potencialidades latentes e levar a um nível mais rico de humanidade e alegria de viver.

A linguagem secreta das flores

Emilia Di Massimo



As rosas, para conferir graça e a elegância, a flor da camomila para emergir das dificuldades, a gérbera como sinal da alegria de uma inesperada esperança e as três marias, para a paixão. Cada flor tem um significado mais intenso do que se pensa e cada leitor poderá reivindicar uma, escolhendo-a para si e para quem ama...

"A linguagem secreta das flores", de Vanessa Diffenbaugh, relata, por meio de uma de suas personagens, um acontecimento forte, de sofrimento, de amor e incrível sede de viver, mostrando a força imensa do amor mais veraz, o imperfeito, que dá sem pretender nada em troca.

Victoria é uma jovem que viveu um passado nada fácil: abandonada desde o berço pelos pais, passou a infância com famílias adotivas, pais provisórios e muitas vezes não ideais. Um dia, porém, encontra Elizabeth, uma mulher extraordinária e muito especial que a transforma e remexe em sua vida de modo dramático. Elizabeth será a única, entre tantas pessoas encontradas por Victoria, que doará à jovem a única certeza capaz de transformar sempre o coração e a existência e, todavia: "...Você pode continuar a me colocar à prova. Mas saiba que a minha reação será sempre a mesma: eu a quero bem e vou mantê-la comigo".

Elizabeth procura de todos os modos dizer a Victoria que é possível mudar. Para Victoria, ela é sua única e verdadeira mãe, e é por isso que a mulher consegue lhe transmitir um dom especial: a capacidade de conhecer a linguagem secreta das flores. Graças a este mágico dom, Victoria toma nas mãos a própria vida mesmo se, inicialmente, não encontra imediatamente a flor capaz de curar a sua ferida, porque o seu coração carrega uma culpa secreta. O único capaz de extirpar esta culpa será um jovem misterioso que parece saber tudo sobre ela. Só ele poderá cuidar de suas raízes invisíveis e, assim, o coração mais amargo da rosa branca, poderá tornar-se vermelho de paixão. Mas, antes de chegar a isto?...

O seu refúgio, as flores

A vida de Victoria foi bastante dramática e desenvolveu diversos complexos de personalidade, fazendo-a tornar-se extremamente delicada, não tanto a respeito do corpo, quanto da mente. Victoria de fato não quer ser tocada por ninguém, tem medo de muitas coisas e as pétalas das flores são as únicas que têm esta permissão.

O mesmo acontece com suas emoções.

Não quer, e não se permite amar ninguém ou ser amada, sempre por causa do mesmo medo. E para se expressar, em vez das palavras, usa as flores que, primeiro, cultiva secretamente no parque público de Portero Hill, em São Francisco, e depois vende como florista. As flores são o seu refúgio, o seu modo de se comunicar consigo mesma e com o externo. A jovem cultiva as flores no jardim, em São Francisco, para dar largas à sua mente: só ali pode ficar em paz e deixar-se tocar, sem precisar expressar-se bem. Um dos passos que melhor expressa este conceito é: "Não me entrego como a lavanda, eu me defendo como o rododendro, sou sozinha como a rosa branca e tenho medo".

Ao se tornar maior de idade, Victoria decide trabalhar como florista e o apelo mágico das suas rosas e das suas margaridas levará a cidade inteira à sua floricultura porque ela tem a habilidade de escolher para cada cliente, baseando-se nos seus desejos ou nas suas trepidações, a flor mais adequada. Mas, sempre depois de haver enfrentado o problema principal de aceitar e de fazer-se

aceitar pelo outro. Tudo isso porque as flores, no romance de Vanessa Diffenbaugh, curam antes de tudo as feridas da alma e deixam pérolas de felicidade.

O estilo particular de Vanessa Diffenbaugh, a história embora muito introspectiva e descritiva, não permite ao leitor desgrudar-se das páginas tão facilmente. Mesmo se a autora nos faz continuamente voar entre o passado e o presente de Victoria, não se perde. Ela nos faz conhecer as cenas retrospectivas da vida da protagonista, que a levaram a ser aquilo que ela é, porque na reconstrução psicológica de um personagem não se pode prescindir do seu passado, que é talvez a parte mais importante. O efeito é criar um retrato vivo, ao qual nos afeiçãoamos na medida em que continuamos a leitura e, sem que o percebamos, deixando-nos envolver emocionalmente.

Uma atmosfera sem tempo

Vanessa Diffenbaugh criou, também em base a estes rebotes temporários, uma atmosfera sem tempo, na qual tudo é fechado internamente pela psicologia de Victoria.

Não obstante a história ser muito dura, a viagem que a autora nos faz fazer, a amolece cada vez mais, até o encontro com Grant, o misterioso rapaz acima citado. Da solidão, o remorso e o ódio explicitados através de várias flores, Vanessa Diffenbaugh nos conduz a sentimentos muito mais belos como o amor materno, que iluminará o íntimo da existência de Victoria, e a paixão pelo rapaz, único homem que leu o profundo da protagonista. Se se quisesse encontrar o fio vermelho que conduz o romance todo, poderíamos dizer que é um musgo. O musgo é o símbolo do amor materno que cresce sem raiz, separado de tudo aquilo que o circunda. Victoria acredita não ser capaz de amar porque não foi amada. Acreditamos muitas vezes que, tanto o amor como o ódio passam de uma geração para a outra, assim como a água que nutre as raízes de uma planta. Na realidade, o amor e o ódio são autônomos, separados até mesmo de pessoas que amamos. O amor, nesta perspectiva, nos faz compreender que todos nós somos capazes de amar com um amor profundo e completo, independentemente do nosso passado ou das circunstâncias.



**Agucemos o ouvido
para escutar a pergunta
de Maria Domingas:
que horas são?
Perceberemos
também a resposta:
*são horas de amar a Deus.***



*Eu vos convido a prestar atenção neste relógio do coração,
no dinamismo que enche de significado as horas e os minutos,
que faz viver com amor o momento
de encontro em profundidade com o Senhor.*

*Ele mesmo nos tornará capazes de anunciar aos jovens:
«Vós sois a palpitação do coração de Deus. Ele vos ama e vos abençoa!».*

*É importante para a nossa vida consagrada
reconhecer o primado de Deus, ser uma referência a Ele,
uma ocasião para que as pessoas se aproximem do divino.*

*Esta foi a maior tarefa
à qual Maria Domingas se dedicou.
Pobre de cultura literária ou de dotes extraordinários,
viveu a essencialidade da vida sem esmorecer,
antes, oferecendo em si mesma uma sinalização!*

*Da mensagem da Madre
por ocasião da abertura do 140º ano de fundação do Instituto*

Palavras

**A AMIZADE COM OUTRA PESSOA
É UMA EPIFANIA
DA AMIZADE COM DEUS**

THOMAS MERTON

